

A AIA

Por A. GARIBALDI

Conto-nos o escritor lha de quemoz que existira em tempos um rei formoso e audaz, senhor dum reino florescente.

Na sua febre de conquistas, partira o jovem soberano a pelear em territorios distantes, deixando só a rainha, sua senhora e dona, e um filhinho inda de peito e sobre cujo destino se erguiam sombrias asas de presagas aspirações.

Cheia de lagrimas viu a rainha partir o seu amado esposo, lagrimas que eram como chumbo fervente a abrir-lhe chagas no coração.

Ai quanto custava uma separação assim! Mas o sentimento patriótico é o maior de todos, e por isso o rei partiu, sobrepondo ás aprazíveis doçuras do coração a iria rigidez do seu dever de guerreiro que trazia sempre vivo na alma o calido desejo de alargar os limites da pátria.

Um dia, a sua estrêla começou a empalidecer, como um prenúncio mau, como uma dolorosa realidade. E ao reino chegou a noticia pungente da sua morte.

Na alma da rainha fez-se noite cerrada, e em todos os corações. Triste mocidade amorosa de desejo que quizeram em vão!

Ela chorava o esposo, porque êle era dono da sua alma; e chorava-o porque era o jerarca do seu reino e o guia do seu filhinho.

? Que seria dela agora e do pequenino órfão? Ah, bem triste condição e ser mulher — porque a todos os momentos o sentimento combate contra a realidade da vida, que o esmagam e dilaceram cruelmente, barbara mente!...

E ela ficou mais vencida, mais perdida.

O seu reino tinha a volta inimigos ferozes, como exércitos de hienas; e entre esses inimigos um havia maior que todos: era um irmão bastardo do falecido monarca, tio do pequenino princepezinho órfão, que não tinha na vida um esteio forte que o amparasse e protegesse.

Seria a régia criança agora a vitima dos seus desígnios perversos, dos seus tórvos desejos, dos seus meneios hediondos!...

Tudo a rainha compreendeu, magoadamente.

O princepezinho dormia num berço de marfim e rendas, de luar e ouro, como uma concha de beijos amorosos perfumados; e ao seu lado, noutro berço, dormia o filho da escrava que a ambos a rainha tratava desveladamente.

Acreditava a fiel escrava na immortalidade, e era feliz na sua crença. E as visões maravilhosas diziam-lhe que o seu rei feliz estava no céu, rodeado dos seus pagens que o serviriam e que com êle foram heróis e vencedores.

Tinha uma intuição sublime e trágica esta admirável escrava. Ela sabia que sobre o destino do seu princepezinho pairava uma nuvem negra, muito tenebrosa — que a fazia sofrer.

E pensava. Quantas tristezas amargas lhe passaram pela alma, enquanto dava de mamar a regia criança! E então, como quem aperta flores viçosas num desmaio voluptuoso, mais apertava ao coração o pequenino órfão. E sorria e chorava — porque um coração escravo também sabe sentir, e não ha cadeias nem grilhões capazes de vencer a divina liberdade do sentimento humano...

E ela pensava. ? De que valia tanto poder e tanto ouro, tanta grandeza e tanto esplendor, se isso não podia comparar-se ao pacifico viver de escravo? De a grandeza tinha de custar ao princepezinho maldições e aflições — mais lhe valera ser um humilde filho do mais humilde escravo que não tivesse historia nem lembrança!

Cobria de beijos sôfregos o corpo do órfãozinho, enquanto no palácio o temor oprimia as almas. O ceptro era demasiadamente pesado para as mãos da rainha, porque para as mulheres pesadas são sempre as coisas onde a razão impera.

O irmão bastardo do rei, matando e arrazando, veio sobre o palácio, como um abutre roendo cadáveres, na sombra. Abandonada, vencida, a rainha apenas corria para o berço do filhinho, dolorosamente, chorando.

Uma noite, a fiel escrava pressentiu um affetivo rumor de luta, nos jardins reais, onde as lanças faziam sangrar e chorar as rosas, lacerando-as. Tudo compreendeu, porque todo o mal adivinha um coração materno.

Sem uma hesitação, esfarrapando todas as fibras sensíveis da sua alma, colocou o filho no berço do príncipe e este no berço humilde do filhinho escravo, em rapidos momentos dolorosos que pareceram séculos, que pareceram eternidades — porque a fizeram sofrer e viver.

Imediatamente um vulto surgiu, aterrador; era o bastardo; agarrando com violência na criança que dormia no berço dourado, fugiu espavorido á luz das lanternas que bruxuleavam como clarões sinistros num cemitério polar de cruzes mutiladas.

O princepezinho dormia no bercinho humilde e o seu sonho era linho, porque lhe iluminava de beleza rósea a face toda.

A ama ficou impassível, aniquilada e cansada.

Logo os gritos de alarme reboaram por todo o palácio. E o ruído das armas abafava o silencioso e angustioso murmúrio rezado das lagrimas das mulheres.

A rainha, aflita, correu ao quarto do órfãozinho, chamando-o num desespero. Olhando as roupas revolidas do seu berço vazio, caiu pesadamente no chão, destalecida. Foi então que a ama descobriu o berço de verga onde o príncipe dormia e sonhava e sorria.

Na fuga, pelos archeiros o bastardo fôra esmagado e mais vinte do seu bando. E com êles perecera a pequenina criança raptada. Julgou-se no palácio que morrera o príncipe, e um clamor atroz fazia doer a alma.

Foi então que a rainha, cheia de rútila alegria, erguendo nos braços o filhinho despertado, o mostrou á gente do palácio, que ficou surpresa.

Salvara-o a ama fidelíssima, esmagando o seu perfeito coração de escrava, perdendo um filho, para salvar um rei.

A rainha abraçou-a e beijou-a — sublime figura de paisagens d'alma.

Alguém alvitrou então que fôsse recompensada a fiel escrava pela sua acção tão puríssima — como se estas cousas do coração pudessem ter digna paga e justa compensação!...

Pela mão, como quem conduz um cadáver hirto, a rainha levou-a á câmara dos tesouros.

Porém, nada fascinou o olhar da serva, porque o seu olhar estava encantado com visões do céu, onde o seu filhinho devia estar agora.

Nem as labaredas do fogo queimaram o seu espírito, nem as gargalhadas das pérolas seduziram a sua alma, nem a volúpia das pedras preciosas lhe envenenou de loucas ambições o coração. Nada a venceu, nada a entusiasmou.

Apenas um punhal riquíssimo lhe prendeu os olhos, que se fitaram no céu, longamente, demoradamente.

E agarrando-o, cravou-o sobre o coração, numa angústia sublime, gritando:

— Salvei o meu príncipe. Agora vou dar de mamar ao meu filhinho.

1953

A. Garibaldi
(Portugal)